

## ENSINO DE ARTE PARA AS RELAÇÕES ÉTNORACIAIS NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS IMÁGETICAS COM O PIBID

AMANDA FERREIRA MOREIRA<sup>1</sup>; LUCAS MATHEUS RIBEIRO VARGAS<sup>2</sup>;  
CAROLINE LEAL BONILHA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Univerdade Federal de Pelotas – ferreiraamanda31@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – luk153922@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo abordarei um relato de experiência, a partir das atividades proposta para alunos de séries iniciais e finais do ensino fundamental, e que também reflete sobre a importância das atividades do Subprojeto Artes Visuais do Pibid/UFPEl, na formação de futuros professores de Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas, no fortalecimento da efetivação da lei 10.693/03 e as políticas educacionais voltadas para questões de raça no espaço escolar. Neste sentido, compreendo que os processos educativos devem ser vistos com uma lente cultural nos quais a diversidade e a diferença étnica possam conviver dentro dos espaços, e que possam ser absorvidos para a vida desses alunos. Dessa forma, propomos que a decolonialidade seja praticada em sala de aula, e não apenas um termo contemporâneo utilizado em estudos.

A arte e as imagens nos ligam a contextos de gêneros, de aspectos culturais, religiosos, políticos e sociais, sendo formas ideológicas ao nosso modo de pensar. Imagem e significado estão sujeitas as condições ligadas ao modo como uma ideia, objeto ou pessoa se dispõe ou se localiza num ambiente ou situação. Os significados dependem da situação ou contexto no qual os vivenciamos. A partir dessas atividades exercitamos a compreensão de um lugar, e pertencimento que essas diversidades étnicas ocupam, muito além do pertencimento dos estigmas sociais. Exercendo o ensino da arte como mediação para caminhos metodológicos que estimulem a educação para as relações étnico-raciais.

O desejo de dar visibilidade às experiências pedagógicas, que apontam para a importância do desenvolvimento da lei 10639/2003, e a busca por caminhos, para uma possível superação de uma herança racista na educação brasileira, estão entre os objetivos principais desse artigo, assim como relatar a experiência desenvolvida através das vivências como bolsista no PIBID que me colocam a frente de uma formação docente com comprometimento em resgatar saberes de uma história que resiste a apagamentos, como referencial teórico-metodológico os respectivos autores, que abordam o tema me apoiam e dialogam nessas narrativas vividas com as atividades elaboradas com o PIBID.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 SOBRE AS ATIVIDADES DO PIBID

Investigar como flui a abordagem da temática étnico racial, nas turmas atendidas pelo programa, por meio das produções visuais, da arte afro-brasileira, procurando por caminhos para a construção de uma educação antirracista.

Assim buscando refletir e compreender de qual maneira ocorre o trabalho pedagógico com a linguagem visual da arte afro-brasileira na escola parceira do PIBID, em concordância com a Lei 10.639/03, a qual institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica e o combate ao racismo e as discriminações. Além disso, objetiva-se investigar se tais práticas pedagógicas influenciam as relações étnico raciais na escola e como se dão essas influências, na perspectiva de uma educação igualitária, no combate ao racismo e na consciência étnico-racial desde a primeira infância. Para isso, realizou-se uma gama de atividades e preposições artísticas e pedagógicas debruçadas em pesquisa de natureza bibliográfica, e estudos também fundamentados na cultura visual.

A cultura visual assume que a percepção é uma interpretação e, portanto, uma prática de produção de significado que depende do ponto de vista do observador/espectador em termos de classe, gênero, etnia, crença, informação e experiência sociocultural. Assim, os objetos de estudo e produção incluem não apenas materiais visuais tangíveis, palpáveis, mas, também, modos de ver, sentir e imaginar através dos quais os artefatos visuais são usados e entendidos. (TOURINHO, 2011, p. 06)

Portanto o ensino de arte e o uso das imagens atuam para que esses processos culturais se manifestem junto dos processos de aprendizagem. No que se refere a novas metodologias, emergem a cultura visual e leituras de imagens, ambas desconstruem o discurso pedagógico tradicional, evidenciando o valor não só dos objetos artísticos, legitimados como Arte, como também novas interpretações de imagens do nosso cotidiano, e uma formação docente que se faz presente na educação básica, analisando-a e questionando como as práticas pedagógicas artísticas com a arte e cultura afro-brasileira podem educar para as relações étnicoraciais, tendo como práticas educativas o uso das imagens e suas experiências, a cultura visual tem um grande desafio, o qual segundo Hernández é de adquirir um “alfabetismo visual crítico”. A cultura visual tem como o universo os símbolos e signos, a compreensão destes num contexto cultural, onde considera a arte, os artefatos que integram a cultura visual, como forma de pensamento, como um idioma que deva ser interpretado, como uma ciência, ou um processo diagnóstico, no qual se deva encontrar o sentido das coisas a partir da vida que os rodeia. (HERNÁNDEZ, 2000, p.53) A cultura visual visa à necessidade de exploração de um campo de conhecimento mestiço, contribuindo para uma história dos olhares e aceitando a relação objeto/ expectador, que através de suas vivências e experiências compreende o objeto de arte buscando entender o que representa, e a relação que ele mantém com as pessoas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fomos inseridos dentro da realidade do contexto escolar, diretamente na pandemia, com o programa. Diante de muitas adversidades com o ensino remoto. Para cumprir e efetivar esses objetivos e as metodologias específicas com o PIBID, estamos atuando e podendo evidenciar o quanto o ensino de arte é capaz de sensibilizar para as diferenças; por isso torna-se um meio para possibilitar o ensino para as relações étnicas, e responder à diversidade racial, cultural e de maneira positiva e responsável. Utilizamos como apoio e referencial na elaboração das atividades o DOM (Documento Orientador Municipal) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). A vida e a obra de artistas, podem ser uma boa “porta de entrada” para se trabalhar com a cultura e arte afro-brasileira, pois possibilitam colocar em diálogo as expressões. As obras podem ser entendidas como espaços íntimos de criação do artista por meio dos quais ele se relaciona com o mundo social que o circunda, ou seja, o espaço onde convivem e confrontam: individualidade, realidade social e recursos poéticos e retóricos. Provocando uma interação entre as Artes Visuais e a arte e cultura afro-brasileira, trazendo e refletindo o cotidiano dos estudantes para a sala de aula também, buscando ludicidade para trazer incentivo e participação para as atividades propostas, transformando nossas ações significativas nesse momento pandêmico.

### 4. CONCLUSÕES

A efetivação das relações étnico-raciais na escola, passa pelas mudanças dos paradigmas com que os docentes trabalham, e o seu fazer pedagógico, a aplicabilidade da Lei 10.693/03, impulsiona cada vez mais uma conscientização e uma abertura, diálogos entre currículos e relações culturais e étnico-raciais, cada vez mais efetivas para o cotidiano escolar. Portanto para se educar para tais relações se pressupõe e se observa que o ensino de arte, movido e direcionado em ações, reflexões pautadas para dismantelar dentro da Educação Básica construções de pensamentos discriminatórios, tendo o trabalho com as imagens da cultura visual, mediação para que os alunos tenham condições de compreender melhor sua cultura e a de outros povos, contribuindo para a educação crítica e a decodificação de símbolos presentes em imagens que os cercam cotidianamente. Além disso, o trabalho com as imagens contribui para a percepção visual e para o desenvolvimento estético dos educandos, sendo assim estabelecendo o debate sobre a temática étnico-racial, levando o grupo a interagir com a arte, nesta iniciação na docência e a motivar a formação de conhecimentos sobre a cultura afro-Brasileira, produzindo também uma consciência crítica em Artes Visuais em conjunto com as escolas parceiras. Refletindo criticamente da importância dos elementos da cultura visual e as imagens para esses fazeres artísticos e pedagógicos, e de que a formação docente e ações de valorização dentro do programa PIBID é algo primordial para se estabelecer uma educação antirracista, sem práticas e conteúdos discriminatórios.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERNÁNDEZ, FERNANDO. Cultura visual, mudança educativa e processo de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TOURINHO, IRENE. Imagem, identidade e escola. In: Salto para o futuro: Cultura Visualidade e escola. Ano XXI Boletim 09 – Agosto 2011b, p. 6.

SANTOS, NFD. Entre Saberes e Fazeres Docentes: O ensino para as relações Étnico-Raciais no Cotidiano Escolar. Curitiba: Appris, 2018.